

## ***ATIPA. ROMAN GUYANAIS: CRÍTICA E RESISTÊNCIA À COLONIZAÇÃO FRANCESA NA GUIANA DO SÉCULO XIX***

### ***ATIPA ROMAN GUYANAIS: CRITICISM AND RESISTANCE TO FRENCH COLONIZATION IN 19TH-CENTURY GUIANA***

Paola Karyne Azevedo Jochimsen (Universidade de Coimbra)<sup>1</sup>

Larissa Maria Ferreira da Silva Rodrigues (UFPI)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo investiga *Atipa: Roman Guyanais* (1885) de Alfred Parépou, destacando sua importância como um marco da resistência cultural e linguística na Guiana Francesa pós-abolição. Através de uma análise detalhada, o texto revela como *Atipa*, herói guianense, captura as complexidades sociais e políticas da época, utilizando o crioulo guianense como uma ferramenta para desafiar a dominação cultural e linguística francesa. O estudo enfatiza a posição singular do romance na literatura francófona da América Latina, ressaltando sua contribuição indispensável para compreender a história e a cultura guianense. A escolha de Parépou pelo crioulo não apenas confere autenticidade às narrativas locais, mas também representa uma crítica contundente às hierarquias coloniais, marcando a obra por sua abordagem direta na denúncia das injustiças do colonialismo. Além disso, o artigo reflete sobre a ironia e as implicações de analisar o texto através de sua tradução para o francês, considerando este ato como uma extensão da resistência de Parépou. Este estudo busca ampliar a valorização da obra como uma expressão literária e um documento cultural essencial, enfatizando o papel da literatura como um veículo de resistência e expressão em contextos de opressão. Para tal análise, nos apoiamos na abordagem de Fanon (2008), cujas ideias ampliam nossa compreensão sobre as estratégias de resistência cultural e identitária em contextos coloniais.

**Palavras-chave:** Alfred Parépou; *Atipa. Roman Guyanais*, Guiana Francesa; identidade guianense

**Abstract:** This article investigates *Atipa: Roman Guyanais* (1885) by Alfred Parépou, highlighting its importance as a landmark of cultural and linguistic resistance in post-abolition French Guiana. Through a detailed analysis, the text reveals how *Atipa*, a Guianese hero, captures the social and political complexities of the time, using Guianese Creole as a tool to challenge French cultural and linguistic domination. The study emphasizes the unique position of the book in French expression literature of Latin America, underscoring its indispensable contribution to understanding Guianese history and culture. Parépou's choice of Creole not only lends authenticity to local narratives but also represents a strong critique of colonial hierarchies, marking the work for its direct approach in denouncing the injustices of colonialism. Additionally, the article reflects on the irony and implications of analyzing the text through its translation into French, considering this act as an extension of Parépou's resistance. This study seeks to enhance the appreciation of the work as a literary expression and an essential cultural document, emphasizing the role of literature as a vehicle for resistance and expression in contexts of oppression. For such analysis, we rely on Fanon's (2008) approach, whose ideas broaden our understanding of cultural and identity resistance strategies in colonial contexts.

<sup>1</sup> Master of Arts (M. A.) Romanistik pela Albert-Ludwigs-Universität Freiburg, Alemanha. Doutoranda em Filosofia pela Universidade de Coimbra. E-mail: [paolakajo@gmail.com](mailto:paolakajo@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4958-2497>

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Email: [larissafferreirarodrigues@ufpi.edu.br](mailto:larissafferreirarodrigues@ufpi.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4256-2023>

**Keywords:** Alfred Parépou; *Atipa. Roman Guyanais*; French Guiana; Guianese identity

**Résumé:** Cet article explore *Atipa. Roman Guyanais* (1885) d'Alfred Parépou, en soulignant son importance comme étant un jalon de la résistance culturelle et linguistique dans la Guyane française post-abolition. À travers une analyse détaillée, le texte révèle comment *Atipa*, héros guyanais, capture les complexités sociales et politiques de l'époque, en utilisant le créole guyanais comme un outil pour défier la domination culturelle et linguistique française. L'étude met en avant la position singulière du roman dans la littérature francophone d'Amérique latine, soulignant sa contribution indispensable à la compréhension de l'histoire et de la culture guyanaise. Le choix de Parépou pour le créole confère non seulement de l'authenticité aux récits locaux, mais représente également une critique vigoureuse des hiérarchies coloniales, marquant l'œuvre par son approche directe dénonçant les injustices du colonialisme. De plus, l'article réfléchit sur l'ironie et les implications d'analyser le texte à travers sa traduction en français, considérant cet acte comme une extension de la résistance de Parépou. Cette étude vise à accroître la valorisation de l'œuvre en tant qu'expression littéraire et document culturel essentiel, en mettant l'accent sur le rôle de la littérature comme un moyen de résistance et d'expression dans des contextes d'oppression. Pour cette analyse, nous nous appuyons sur l'approche de Fanon(2008), dont les idées élargissent notre compréhension des stratégies de résistance culturelle et identitaire dans les contextes coloniaux.

**Mots-clés:** Alfred Parépou ; *Atipa. Roman Guyanais* ; Guyane française ; identité guyanaise

## Introdução

No vasto panorama da literatura francófona da América Latina, a obra *Atipa. Roman Guyanais* de Alfred Parépou ocupa um lugar de destaque, tanto pela sua riqueza narrativa quanto pelo seu profundo contexto histórico e cultural. Escrito no século XIX, o livro emerge como um testemunho vívido da Guiana Francesa, uma região marcada por uma história colonial complexa, a transição pós-abolição da escravidão e exploração de metais preciosos na região amazônica. Alfred Parépou, um autor menos conhecido, mas profundamente significativo, escolheu o crioulo guianense para narrar esta história, uma decisão que não apenas reflete a autenticidade da voz e experiência guianenses, mas também atua como um poderoso ato de resistência linguística e cultural.

A relevância de *Atipa. Roman Guyanais* na literatura de língua francesa da América Latina não pode ser subestimada. Em uma época em que o domínio colonial francês ainda ecoava fortemente, Parépou desafiou as normas linguísticas e culturais dominantes, oferecendo uma perspectiva única sobre a Guiana Francesa. Esta obra não só fornece um retrato vívido da vida guianense sob influência francesa, mas também serve como um veículo para explorar temas mais amplos de identidade, resistência e a luta contra a opressão colonial. Se insere em um período entre a pós-abolição e o início da corrida do ouro na região amazônica.

Curiosamente, a base para a análise em nosso estudo não é o texto original em crioulo guianense, mas sim uma tradução em francês. Esta ironia não passa despercebida, pois a tradução para a língua do colonizador representa um paradoxo intrigante: embora facilite o acesso à obra, ela também navega pelo idioma que Parépou intencionalmente escolheu, numa tentativa de preservar a integridade cultural e resistir à dominação francesa. Este aspecto da tradução destaca a

complexidade da resistência linguística e cultural de *Atipa. Roman Guyanais*<sup>3</sup>, sugerindo novas camadas de interpretação e significado.

O livro ao ser escrito em crioulo guianense representa uma forma de resistência textual. Este aspecto é crucial para entender como a literatura pode servir como uma ferramenta de desafio e subversão contra as estruturas de poder estabelecidas (Fanon, 2008). A escolha do idioma vai além de uma mera preferência estilística; ela encarna uma rejeição da hegemonia cultural e linguística francesa, proporcionando uma voz aos guianenses que, de outra forma, poderiam permanecer marginalizados na narrativa histórica. Com esta análise este trabalho busca iluminar como a literatura pode atuar como um reflexo e um catalisador para mudanças sociais e culturais, particularmente em contextos de opressão e colonização.

## 1 A Construção da Identidade na Guiana Francesa do Século XIX

Antes da chegada dos europeus, o território atual da Guiana Francesa já era habitado pelos povos indígenas *Palikour* e *Galibi*. Esses povos, assim como os indígenas brasileiros, sofreram drasticamente com doenças trazidas pelos colonizadores europeus, resultando em um decréscimo significativo da população devido ao primeiro contato (Jolivet, 1982, p. 25). O início do século XVII testemunhou tentativas frustradas de colonização por parte de espanhóis e ingleses, falhando principalmente devido às condições insalubres da região. Foi apenas mais tarde que a França começou efetivamente a colonizar a Guiana Francesa, marcando sua inserção no cenário da expansão colonial europeia.

Em 1638, uma expedição liderada pelo capitão Bontemps, sob as ordens do cardeal Richelieu, estabeleceu o primeiro assentamento francês na região com 1.200 colonos. Esse movimento inaugurou a presença francesa na Guiana, refletindo o crescente interesse europeu em explorar e colonizar as Américas. Em 1643, Charles Poncet de Brétigny, representando a Companhia de Rouen, chegou com mais colonos, consolidando o estabelecimento francês. Este período inicial foi marcado pela exploração de recursos naturais e pela instalação de plantações, definindo as bases da economia e da estrutura social que predominariam na Guiana Francesa.

Entre 1677 e 1763, a região experimentou um longo período de estagnação, durante o qual os colonizadores franceses, enfrentando escassez populacional, concentraram-se em Caiena. A introdução da escravidão, desde o início da colonização francesa no século XVII, perdurou até a abolição oficial em 1848. A influência da Revolução Francesa foi notável, resultando na primeira abolição da escravidão em 1794, como se pode constatar na citação:

L'abolition de l'esclavage, en 1793, ruine les plantations ; tandis que les colons, dispersés sur la côte et aux bords des cours inférieurs des rivières, abandonnent leurs terres, les Noirs s'enfuient dans la forêt avec l'espoir de mener aux bords des rivières Comté et Tonégrande, où ils se regroupent en villages, une vie indépendante : il fallut, pour reconstituer les plantations, prendre de sévères mesures de réquisition (PAPY, 1955, p. 215).<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Existe uma tradução em português do prefácio e do primeiro capítulo de *Atipa. Roman guyanais* publicado no Cadernos de Literatura em Tradução em 2022 intitulada *Atipa: Romance guianense. A desconhecida Guiana crioula de Alfred Parépou*.

<sup>4</sup> A abolição da escravidão, em 1793, levou à ruína das plantações; enquanto os colonos, dispersos pela costa e pelas margens dos cursos inferiores dos rios, abandonavam suas terras, os negros fugiam para a floresta com a esperança de conduzir uma vida independente às margens dos rios Comté e Tonégrande, onde se reuniam em vilarejos. Foi necessário tomar medidas severas de requisição para reconstruir as plantações. (Tradução nossa)

No entanto, essa abolição foi revertida por Napoleão em 1802 e a escravidão só foi definitivamente encerrada em 1848, seguindo, ainda, o movimento abolicionista mais amplo, a Revolução Francesa, como já citado. E, embora essa abolição tenha sido posteriormente interrompida, o impacto da Revolução permaneceu, semeando as bases para a abolição definitiva da escravidão e para as transformações sociais mais amplas na região. Os ideais revolucionários de liberdade, igualdade e fraternidade ressoavam na colônia, contribuindo para o movimento abolicionista e influenciando o pensamento político e social.

Situation première, l'esclavage joue bien un rôle fondamental dans la formation de la culture créole : il en est le creuset. Sans doute cette culture créole ne peut-elle s'affirmer qu'à partir du moment où elle acquiert le droit de s'exprimer librement, c'est-à-dire après l'émancipation (JOLIVET, 1982, p. 9).<sup>5</sup>

No século XIX, a Guiana Francesa estava imersa em uma complexa transição pós-abolição, pela corrida do ouro e a instalação das *bagnes*<sup>6</sup>. As *bagnes* ou colônias penais, foram estabelecidas na Guiana Francesa no final do século XIX. Especificamente, a instalação dessas colônias penais começou em 1852, durante o Segundo Império sob Napoleão III. Elas se tornaram notórias por suas condições extremamente duras e desumanas e foram uma tentativa para substituir a mão de obra dos ex-escravizados. A Guiana Francesa foi escolhida como local para estas colônias penais devido à sua localização remota e ao ambiente hostil, o que dificultava a fuga dos prisioneiros. As *bagnes* continuaram a funcionar até meados do século XX, com o último campo sendo fechado oficialmente em 1953.

Este período foi marcado por intensas mudanças sociais e políticas, influenciadas pelo legado da escravidão e pelo domínio colonial francês. Neste contexto histórico, *Atípa. Roman Guyanais* de Alfred Parépou emerge como uma obra literária significativa, fornecendo uma perspectiva única sobre as experiências vividas na Guiana. Utilizando uma narrativa que entrelaça o crioulo guianense com o francês, Parépou não apenas retrata a vida cotidiana e as tradições da Guiana, mas também articula uma crítica sutil ao colonialismo francês e às suas repercussões sociais e culturais.

## 2 A língua como arma de resistência: o crioulo guianense

A escolha de Alfred Parépou em escrever *Atípa. Roman Guyanais* inteiramente em crioulo guianense, ao invés do francês, é um aspecto significativo da obra. Se tivesse sido escrita em francês, a língua dos colonizadores, é possível que as críticas e o sarcasmo presentes no texto não fossem tão impactantes ou mesmo aceitáveis. O uso do crioulo não apenas confere autenticidade à narrativa, refletindo a verdadeira voz e experiências da população local, mas também funciona como um ato de resistência cultural e linguística. Ao escolher o crioulo, Parépou desafia a hegemonia linguística e cultural francesa, utilizando a língua como um instrumento de crítica e expressão de uma identidade guianense distinta.

Le mot « créole » vient de l'espagnol « criollo », et désigne la descendance locale d'une espèce importée. Dans l'aire caraïbe, ce terme est appliqué aux esclaves nés sur place, par opposition aux Africains « bossales » ou récemment débarqués. Le Créole est donc un individu d'origine africaine, qui fait dès sa prime enfance

<sup>5</sup> Desde o início, a escravidão desempenhou um papel fundamental na formação da cultura crioula: ela foi o caldeirão. Sem dúvida, essa cultura crioula só pode se afirmar a partir do momento em que adquire o direito de se expressar livremente, ou seja, após a emancipação. (Tradução nossa)

<sup>6</sup> Para mais informações sobre as colônias penais ler a reportagem *Le Bagne* de Marius Larique para a revista *Détective* (1939) em : <https://criminocorpus.org/fr/ref/113/1606/>

l'apprentissage de la civilisation des Blancs. Placé dans les conditions très particulières de la situation servile, cet apprentissage prend tout d'abord la forme d'une destruction de l'organisation et des croyances africaines, par la christianisation forcée, par la promiscuité et l'ensemble des règles de vie et de travail imposées (JOLIVET, 1982, p. 9).<sup>7</sup>

No romance *Atipa. Roman Guyanais* Alfred Parépou empreende uma jornada literária que não apenas celebra a identidade guianense, mas também se posiciona como um veículo de resistência cultural e crítica social. Élie Stephenson (2008) destaca o duplo objetivo da:

Le plus important à signaler, c'est que *Atipa* est un roman écrit en créole guyanais et qui s'adresse d'abord aux Guyanais. L'objectif de l'auteur était double : défendre la langue créole contre ses détracteurs en revendiquant sa spécificité face au français et porter un regard critique – quoique plein d'humour – sur la société guyanaise de l'époque (STEPHENSON, 2008, p. 31).<sup>8</sup>

Os *dolos* são elementos que surgem no decorrer do romance como potentes símbolos de resistência, encapsulando de forma codificada tanto a sabedoria popular quanto a crítica social, e confrontando diretamente as imposições do poder colonial. Eles ultrapassam a mera expressão de identidade cultural para atuar como mecanismos estratégicos de resistência e emancipação, enraizados profundamente na consciência coletiva da comunidade.

No contexto da narrativa o *dolo*, apesar de sua definição ser complexa e multifacetada, emerge como um elemento crucial de resistência. A dificuldade em definir os *dolos* decorre de sua natureza intrinsecamente ligada à cultura e ao contexto específico da Guiana Francesa. Segundo Rowe e Horth (1951) “*The word dolo, meaning proverb, appears to be peculiar to Guyanese creole, but no one in Cayenne offered me any suggestion as to its origin*”<sup>9</sup> (Rowe; Horth, 1951, p. 253). Este uso intrincado dos *dolos* reflete a profundidade da estratégia cultural e linguística adotada pelos personagens para navegar e resistir à opressão colonial francesa na Guiana do século XIX. A complexidade do *dolo*, entrelaçada na narrativa, demonstra a riqueza e a sutileza da resistência cultural e social por meio da linguagem e da tradição oral.

Estes provérbios, considerados também como idiomatismos por não terem uma tradução *mot-à-mot*, isto é, literal, de acordo com a sua forma de expressão linguística, servem como um meio de comunicação que transcende a simples verbalização (Tagnin, 1989). Eles carregam consigo camadas de significado que apenas os membros da comunidade podem plenamente apreciar e compreender. Em “*Ça qui ca crai piaye yé la, dit yé còde qui té maré la joustice la, li cassé, tende*” (2016, p.104)<sup>10</sup> ou “*Poule habitoné gratté; metté li là-sous roche, li wa gratté aussi*” (2016, p. 85)<sup>11</sup> são alguns

<sup>7</sup> A palavra “crioulo” vem do espanhol “*criollo*” e é usada para descrever a descendência local de uma espécie importada. No contexto do Caribe, este termo é aplicado aos escravos nascidos localmente, em contraste com os africanos “bossais” ou recém-chegados. Portanto, o Crioulo é um indivíduo de origem africana que, desde a infância, é exposto à civilização dos brancos. Esse aprendizado, situado nas condições particulares da escravidão, inicialmente assume a forma de uma destruição da organização e das crenças africanas, através da cristianização forçada, da promiscuidade, e do conjunto de regras de vida e trabalho impostas. (Tradução nossa)

<sup>8</sup> O mais importante a destacar é que ‘*Atipa*’ é um romance escrito em crioulo guianense e que se dirige primeiramente aos Guianenses. O objetivo do autor era duplo: defender a língua crioula contra seus detratores, reivindicando sua especificidade em relação ao francês, e lançar um olhar crítico – embora cheio de humor – sobre a sociedade guianense da época. (Tradução nossa)

<sup>9</sup> A palavra *dolo*, significando provérbio, parece ser peculiar ao crioulo guianense, mas ninguém em Caiena me ofereceu qualquer sugestão quanto à sua origem. (Tradução nossa)

<sup>10</sup> Aqueles que acreditam em feitiçaria dizem que a corda que os prendia à justiça se rompeu. (Tradução nossa). Significa que não existe mais lei.

<sup>11</sup> A galinha tem o hábito de ciscar [o solo]; se você a colocar sobre uma rocha, ela continuará a ciscar. (Tradução nossa). Significa que os hábitos não se mudam tão facilmente.

exemplos de *dolos* que permitem aos personagens criticarem as injustiças do sistema colonial, questionar a autoridade dos colonizadores e expressar suas aspirações por liberdade e autodeterminação de maneiras que evitam a censura direta ou represálias. compreende-se que os *dolos* representam uma estratégia linguageira oral de resistência codificada e de manutenção das tradições culturais e políticas.

Além disso, os *dolos* funcionam como um elo entre gerações, assegurando a transmissão de conhecimento, história e valores de resistência. Eles são um testemunho da obstinação intelectual e espiritual da comunidade guianense contra as tentativas de assimilação e erosão cultural. O romance mostra a complexidade e a utilização dos *dolos* que ilustram não apenas a luta pela preservação da cultura e da língua em face da colonização, mas também destacam a astúcia e a profundidade da resistência cultural que define a experiência guianense.

Embora a obra de Parépou apresente uma rica exploração linguística e cultural, o foco deste estudo transcende os elementos linguísticos para se concentrar no olhar crítico do autor sobre a sociedade guianense sob o jugo do colonialismo. O livro emerge não apenas como uma obra literária significativa, mas como um documento crítico que utiliza a língua e a tradição oral não somente como expressões de identidade, mas como instrumentos de crítica e emancipação. Assim, a complexidade e sutileza com que Parépou aborda essas questões refletem um profundo entendimento das dinâmicas culturais e linguísticas da Guiana Francesa, estabelecendo a obra como um marco na literatura e na história cultural guianense.

### 3 Guianidade<sup>12</sup>: início da construção de uma identidade nacional

Léon-Gontran Damas é frequentemente considerado um precursor nos estudos da Guianidade, devido à influência seminal de seus escritos na formulação desse conceito cultural. Ele é uma das figuras centrais no movimento literário e cultural da Negritude ao lado de ícones como Aimé Césaire, autor de *Cahier d'un retour au pays natal* (1939), e Léopold Sédar Senghor, conhecido por *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française* (1948, co-editado com Damas), desempenharam um papel essencial na definição da essência cultural da Guiana Francesa. Este ethos regional busca captar a alma única desta terra, caracterizada por uma miscelânea de influências culturais. Moldada por uma confluência de heranças — desde indígenas a africanas, europeias, asiáticas e caribenhas —, essa identidade reflete a complexa diversidade da região.

Através de sua obra e ativismo, Damas não apenas enalteceu esse ethos, mas também promoveu um apreço pela rica diversidade cultural guianense. Em *Pigments* (1937) sua primeira coleção de poesia que é frequentemente citada como uma obra que desafia o colonialismo e explora temas de identidade e alienação. *Pigments* é notável por sua crítica ao colonialismo e racismo, utilizando uma linguagem poética que captura a complexidade da experiência negra. Embora menos mencionado, *Retour de Guyane* (1938) é um relato de viagem que reflete sobre a visita do autor à Guiana Francesa, e nos quais são abordadas questões de identidade cultural e as condições sociais e políticas da região. Este trabalho pode ser visto como uma exploração direta das raízes culturais e da situação socioeconômica da Guiana Francesa, contribuindo para o entendimento da Guianidade através de observações pessoais e análises críticas

Damas destacou a distinção dessa identidade em relação a outras no Caribe e na América do Sul, utilizando-a como uma plataforma para explorar a singularidade da região. Assim, o diálogo entre a essência cultural guianense e a Negritude revela-se nas camadas de resistência e afirmação identitária frente ao colonialismo, expandindo-se para abraçar a heterogeneidade cultural específica da Guiana Francesa.

---

<sup>12</sup> O artigo *Sobre a Guianidade literária de expressão francesa* (2021) de Dennys Silva-Reis (2021) apresenta reflexões pertinentes sobre o que é a Guianidade.

Embora o romance de Alfred Parépou possa não ter sido explicitamente focado na promoção desse espírito cultural como ocorre nas contribuições de Damas, o romance desdobra-se como uma celebração tácita da diversidade cultural da Guiana Francesa. Parépou, ao empregar o crioulo guianense e detalhar a vida, as tradições e a paisagem natural, faz ecoar a essência da região. Portanto, “Atipa” complementa a Negritude e a visão de Damas ao valorizar a rica identidade e herança da Guiana Francesa em sua narrativa.

A sinergia entre a Negritude e Guianidade reside na busca compartilhada por uma identidade afirmada, a resistência ao colonialismo e a celebração da diversidade. Enquanto a Negritude se concentra na solidariedade negra e na luta contra a alienação, a noção Guianidade desenvolvida por Damas abrange a complexidade específica da Guiana Francesa, reconhecendo sua vasta herança cultural. *Atipa. Roman Guyanais* se insere nesse contexto, não se limitando a uma exploração direta dessa identidade regional, mas dialogando com seus temas fundamentais, contribuindo para a narrativa mais ampla da singularidade cultural e social da região. Stephenson (2008) estabelece uma comparação direta entre as obras de Alfred Parépou e Léon-Gontran Damas, destacando as diferentes ênfases temáticas de cada autor. Enquanto Damas foca em uma crítica com base socioeconômica, Parépou explora temas culturais e psicológicos mais amplos.

Un parallèle rapide s'impose alors avec *Atipa*. Le roman d'Alfred Parépou, comme celui de Damas, entend être un tableau d'époque. Mais si Damas propose une étude résolument critique sur une base avant tout socio-économique, les préoccupations de Parépou sont avant tout d'ordre culturel au sens large du terme et/ou psychologique. Le premier soutient une prise de position radicalement engagée tandis que le second se positionne beaucoup loin de son héros, bien qu'un même problème hante les deux auteurs, a cinquante-trois ans d'intervalle : celui de l'identité du Créole ou du Nègre face à la langue et à la culture de la Métropole (STEPHENSON, 2008, p. 32).<sup>13</sup>

Embora *Atipa. Roman Guyanais* tenha sido escrita antes da obra de Damas, foi diretamente através de Léon-Gontran Damas que o sentimento latente de Guianidade foi despertado. Damas, com sua obra e ativismo, catalisou uma apreciação profunda pela identidade e cultura da Guiana Francesa, destacando-a em um contexto global. Enquanto o livro de Parépou reflete a diversidade cultural da região por meio da escolha do crioulo como meio de expressão, reafirmando a linguagem e as vivências locais, é o trabalho de Damas que enfatiza a importância de reconhecer e valorizar essa singularidade cultural. Através de sua influência, a Guianidade não apenas ganhou visibilidade, mas também se afirmou como um aspecto crucial na busca por uma identidade regional afirmada, alinhada aos objetivos da Negritude de celebrar a diversidade e resistir ao legado colonial.

Dessa forma, a obra de Parépou e de Damas, embora partam de perspectivas diferentes, entrelaçam-se na celebração da identidade cultural guianense, evidenciando a rica diversidade da região e sua posição distinta no mundo. *Atipa. Roman Guyanais* emerge não apenas como um marco literário, mas também como um veículo para a compreensão mais profunda da complexidade da Guiana Francesa, sua gente e sua cultura. Assim, a contribuição de Parépou à literatura e ao patrimônio cultural não somente ressoa com os princípios da Negritude, mas também amplia o

---

<sup>13</sup> Um paralelo imediato se impõe com “Atipa”. O romance de Alfred Parépou, tal como o de Damas, visa ser um retrato de época. Mas se Damas oferece um estudo decididamente crítico com uma base principalmente socioeconômica, as preocupações de Parépou são, antes de tudo, de ordem cultural no sentido mais amplo do termo e/ou psicológica. O primeiro adota uma posição radicalmente engajada enquanto o segundo se posiciona muito mais distante de seu herói, ainda que um mesmo problema persiga ambos os autores, com cinquenta e três anos de diferença: o da identidade do Criolo ou do Negro diante da língua e da cultura da Metrópole. (Tradução nossa)

entendimento da identidade única da Guiana Francesa, reforçando o diálogo entre a literatura, a cultura e a sociedade em um contexto pós-colonial.

#### 4 Atipa: o verdadeiro *bouillon d'awara*<sup>14</sup>

A representação da sociedade guianense em 1885 é detalhada e matizada, situada no contexto histórico da época. Ela abrange a complexidade das relações sociais, econômicas e políticas que moldavam a vida na Guiana Francesa sob o domínio colonial francês. Parépou captura a essência da experiência guianense, desde a luta dos cidadãos comuns para navegar pelas realidades do pós-abolição da escravidão até a riqueza cultural influenciada pelas diversas comunidades que compunham a população da região. A narrativa que reflete vividamente os acontecimentos sócio-históricos da época e aborda a interação entre diferentes grupos étnicos e sociais, refletindo as complexidades de uma sociedade que estava se reconfigurando na esteira das mudanças políticas e sociais do século XIX. O romance não apenas apresenta um retrato vívido da vida urbana em Caiena, mas também explora a relação dos personagens com a exuberante fauna e flora da região, destacando a importância da natureza na identidade guianense.

O protagonista que dá nome à narrativa, é um trabalhador nas minas de seu país, seu apelido, Atipa<sup>15</sup>, se dá devido ao seu apreço pelos peixes que são bastante consumidos na culinária guianense. Este homem é um ex-escravizado e um filósofo popular, ele conduz a narrativa através de doze capítulos, assemelhando-se a uma figura messiânica em sua jornada pelo território guianense, coletando e refletindo sobre as histórias de seus contemporâneos crioulos. Caiena não é meramente um cenário geográfico; ela é um personagem vital, um epicentro onde história, cultura e linguagem convergem e interagem. Atipa, com sua sabedoria e reflexões filosóficas, emerge como uma voz poderosa na obra. Ele personifica a sabedoria popular, oferecendo uma perspectiva crítica e reflexiva sobre temas como identidade, cultura e as complexidades da vida em um contexto pós-colonial. Suas interações e observações revelam uma profunda compreensão dos desafios e realidades da sociedade guianense, enriquecendo a narrativa com *insights* filosóficos, culturais marcado pelos *dolos*. Parépou aborda questões como desigualdade social, identidade cultural, exploração dos trabalhadores e o legado da colonização. Os diálogos e a diversidade de cenários proporcionam uma rica fonte de análise, revelando as complexidades da vida na Guiana

Embora seja uma obra de ficção, Alfred Parépou nos presenteia com uma narrativa tão rica e complexa quanto o emblemático prato guianense, o *Bouillon d'Awara*. Segundo Fauquenoy (1989) aquele que prova da iguaria sendo estrangeiro, passa a sofrer de Guianidade.

Nous voulons parler du « bouillon d'awara », ce plat, dont la rumeur dit que, une fois qu'on en a goûté, on souffre de « guyanité », maladie symbolique par excellence, qui ne peut, de toute évidence, être contractée que par un étranger, puisqu'elle le conduit à revenir irrésistiblement en Guyane (FAUQUENOY, 1989, p. 21).<sup>16</sup>

<sup>14</sup> O *Bouillon d'Awara* é um prato tradicional da culinária da Guiana Francesa, conhecido pela sua complexidade de sabores e pela rica combinação de ingredientes. O ingrediente principal do *Bouillon d'Awara* é o fruto do cumari, uma palmeira nativa da região amazônica. O fruto é pequeno, de cor laranja, e tem um sabor único que forma a base do prato. Além do cumari, o *bouillon* geralmente inclui uma variedade de carnes, como frango, porco e peixe, bem como camarões e às vezes caranguejo. Estes ingredientes são cozidos juntos com legumes e tubérculos locais, como mandioca, inhame e banana-da-terra. Segundo a tradição popular quem come do caldo de cumari a Guiana sempre retornará.

<sup>15</sup> O Atipa (*Hoplosternum littorale*) é um peixe de água doce nativo da região amazônica, conhecido por sua capacidade de adaptação a diversos ambientes aquáticos, inclusive áreas de correntezas e águas estagnadas.

<sup>16</sup> Queremos falar do “caldo de awara”, esse prato, sobre o qual se diz que, uma vez experimentado, se contrai a “Guianidade”, uma doença simbólica por excelência, que claramente só pode ser contraída por um estrangeiro, pois o leva a retornar irresistivelmente à Guiana. (Tradução nossa)



*Atipa. Roman Guyanais* transporta o leitor para um ambiente que o aproxima da realidade social da Guiana Francesa no final do século XIX. Alfred Parépou, tece um enredo que aproxima o leitor das condições de vida, as tensões sociais e as dinâmicas culturais da época, pois elementos reais fizeram parte dessa mesma sociedade, recriada em *Atipa*.

Parépou habilmente navega entre o humor e a sátira para criticar a sociedade guianense, enquanto celebra a riqueza e a singularidade da criouldade. Esta obra se destaca como a primeira a imortalizar a Guiana Francesa em crioulo, revelando as nuances da vida cotidiana, a riqueza da língua materna, os costumes locais e a beleza natural da região. O livro “Atipa” não apenas desvenda o universo guianense em suas particularidades, mas também se estabelece como um documento cultural significativo. Ele oferece uma perspectiva única sobre a Guiana Francesa, um mundo até então pouco representado e amplamente desconhecido na literatura, fazendo de seu livro um marco literário e cultural inestimável.

## 5 Entre a crítica e a reflexão: exploração e marcas coloniais

A narrativa de *Atipa* transcende a simples descrição da vida no território guianense do século XIX para refletir sobre as profundas consequências do colonialismo. A obra inicia com um tema fundamental que é uma constante para o leitor: a defesa da língua crioula guianense. Este aspecto é crucial na obra, pois representa não apenas a resistência cultural frente à dominação colonial, mas também a afirmação da identidade e da soberania guianense. A escolha de Parépou em utilizar o crioulo como veículo de expressão literária desafia a hegemonia linguística e cultural imposta pelos colonizadores, destacando a riqueza e a vitalidade da língua crioula como elemento de coesão e resistência.

Prosseguindo na narrativa, emergem temas igualmente pungentes, refletindo sobre as consequências do colonialismo na Guiana Francesa. A discriminação racial, uma herança dolorosa do período colonial, permeia as relações sociais, evidenciando a divisão e a hierarquização impostas. A imposição cultural complementa essa análise, revelando como os colonizadores tentaram apagar as tradições locais em favor de seus próprios valores, numa tentativa de controlar e assimilar a população.

A exploração econômica e laboral, particularmente nos garimpos e plantações, ilustra a ganância dos colonizadores e as condições desumanas impostas aos trabalhadores guianenses. E a falta de representação política na governança local ressalta a marginalização sistemática das comunidades nativas e afrodescendentes, privando-as de participação nas decisões que afetam suas vidas.

Cada um desses temas não apenas ilustra as múltiplas facetas da opressão colonial, mas também destaca a luta resiliente das comunidades guianenses contra as forças que buscavam negar sua identidade e direitos. O romance transcende a mera narrativa, funcionando como um documento histórico e cultural que lança luz sobre as complexidades da sociedade guianense sob o colonialismo francês, celebrando sua resistência e diversidade cultural.

### 5.1 Defesa do crioulo guianense

Detendo-se, notadamente, nos escritos da obra, o foco deste trabalho não reside na análise linear capítulo por capítulo, mas sim na exemplificação e na interpretação das críticas e dos elementos de resistência que permeiam a obra. Parépou habilmente entrelaça humor e sátira para lançar luz sobre as questões sociais e culturais profundas que afetam a Guiana Francesa sob o domínio colonial francês. Ele desafia a norma linguística imposta pelo colonialismo francês, usando

a língua local. Esta escolha linguística não é apenas estilística; é uma forma poderosa de resistência e afirmação da identidade guianense. Logo nas páginas iniciais Atipa defende o uso da língua crioula para a comunicação entre nativos. Ao se deparar com alguns compatriotas que tentavam falar um francês sofrível em um bar, ele inicia sua defesa: “*On est Créole, qu’on parle donc sa langue plutôt que massacrer le français ! M. Sazou est un Nègre [lui aussi], il comprendra* (2016, p. 9).<sup>17</sup>

Voltando ao prefácio, o qual funciona efetivamente como um aviso ao leitor, pode-se ver o estabelecimento da importância da língua crioula para um entendimento profundo da obra. Parépou (2016, p. 3) destaca que seu livro foi escrito para aqueles que sabiam ler em francês, mas que, mesmo assim, não o entendiam “*Nous savons bien lire le français, mais beaucoup d’entre nous ne le comprennent pas. C’est surtout pour ceux-là qui sont comme moi que j’ai pris la plume. Il y a tant de chose qu’on doit connaître*”.<sup>18</sup> Nesse momento, pode-se perceber a reflexão que o autor instaura na obra: a de que a língua francesa não é a língua materna do guianense; na obra, ler é decodificar a escrita, e não compreendê-la enquanto prática social de acesso às experiências no mundo. Além disso, ao trazer essa discussão, Parépou incita os personagens, através de Atipa (personagem de referência para a mudança social no livro) a utilizarem a própria língua (tão usada somente por eles), para que o colonizador não a compreenda e não consiga participar das interações entre os “colonizados”. Sabiamente, o autor subverte a ordem, dando evidência para uma língua, aparentemente, minoritária e sem prestígio social para a Europa dominante. Portanto, nessa época, já se vê traços de preocupação com o plurilinguismo na sociedade e a descentralização do poder através da língua (Foucault, 2009; Penycook, 2007), cuja emergência é coerente com os temas da obra *Atipa*. Sua escrita especificamente em crioulo, tinha a intenção de se comunicar diretamente com seus compatriotas guianenses, de uma maneira autêntica e acessível entre eles.

Este aviso prévio, no prefácio da obra, estabelece as expectativas para o leitor. Ao enfatizar a língua crioula, Parépou não só se conecta mais intimamente com seu público-alvo, mas também reafirma a identidade cultural guianense. Ele desafia a norma literária da época, que favorecia o francês, e celebra a riqueza e a singularidade da linguagem e cultura locais. Portanto, como uma ponte entre o autor e os leitores, *Atipa* se estabelece como uma obra profundamente enraizada na realidade guianense, indicando que o domínio do crioulo guianense é crucial para captar, plenamente, as nuances e os significados embutidos na narrativa.

Essa ideia é uma marca linguística de toda a obra, como, por exemplo, no primeiro capítulo, em que Alfred Parépou a estabelece firmemente, colocando em cena Atipa, o protagonista. Este, então, inicia sua jornada destacando a importância do crioulo em contraste com o francês, uma língua que ele considera excessivamente regulamentada e distante da realidade vivida pelos guianenses.

Essa abordagem de *Atipa* reflete, como já mencionado, uma crítica mais ampla à imposição cultural e linguística do colonialismo francês. Algumas pessoas no decorrer da narrativa preferem falar um francês sofrível ao invés de valorizar o crioulo, uma língua formada e moldada pela experiência local. *Atipa* não apenas reafirma sua identidade cultural, mas também contesta a hegemonia do francês, como exemplificado no trecho a seguir:

Quant à moi, j’ai beau ne pas savoir grand-chose, mais si je voulais parler le français, je le parlerais mieux que ça ! J’ai été élevé avec les Blancs [et] je suis allé en France [où] j’ai entendu parler le français. Tu vois, Bosobio, notre créole n’a pas de règles comme le français ; nous le parlons comme bon nous semble. Mais le français, c’est une toute autre histoire : ce n’est pas tous les chiens et tous les

<sup>17</sup> Nós somos crioulos, que falemos então nossa própria língua ao invés de massacrar o francês! O Sr. Sazou é um negro [também], ele entenderá (Azevedo Jochimsen; Silva Rodrigues, 2022; p. 103).

<sup>18</sup> Nós sabemos ler bem o francês, mas muitos de nós não o entendemos. É sobretudo para aqueles que são como eu que eu peguei a pena. Há tantas coisas que precisamos conhecer (Azevedo Jochimsen; Silva Rodrigues, 2022; p. 97).

chats qui parlent bien ; même parmi les Blanc, il y en a qui écorchent le français comme ce Nègre (PARÉPOU, 2016, p. 9).<sup>19</sup>

Esta observação ressalta a defesa apaixonada da língua crioula por Parépou, desafiando as concepções que a desvalorizam em favor do francês. Ao optar pelo crioulo guianense como língua de sua narrativa, Parépou não só reivindica a riqueza e a legitimidade dessa língua, mas também contesta as normas coloniais, evidenciando a capacidade do crioulo de articular complexidades literárias e culturais. Além disso, Atipa se destaca pela sua crítica lúcida e, frequentemente, humorística à sociedade guianense sob o colonialismo. Esse uso estratégico do humor torna a crítica mais acessível, permitindo uma reflexão sobre as dinâmicas sociais, econômicas e políticas da época. Conforme o trecho citado, eleva-se o crioulo guianense e provoca uma reflexão crítica sobre a sociedade, utilizando o humor, de maneira crítica, como uma lente para examinar as complexidades da vida guianense.

Em toda oportunidade, Atipa argumenta que o crioulo, com sua flexibilidade e proximidade com o povo, é mais adequado para expressar a realidade e a vida cotidiana na Guiana Francesa. Esta crítica às regras rígidas da língua francesa e a valorização do crioulo guianense são fundamentais para entender a resistência cultural que a obra *Atipa* representa. Parépou utiliza seu personagem principal para questionar a norma imposta pela colonização e para reivindicar a importância e a validade da linguagem e da cultura locais. Este primeiro capítulo, portanto, não somente estabelece o tom da narrativa, mas também coloca a língua no centro da discussão sobre identidade, cultura e resistência, aspectos centrais deste trabalho.

No segundo capítulo o filósofo popular segue seu caminho pelo mercado. Ele encontra tipos locais que se identificam com a Guianidade. No segundo capítulo Atipa continua sua jornada, desta vez adentrando o coração pulsante do mercado *Avancée*. Este cenário é mais do que um simples local de comércio; é um microcosmo da sociedade guianense, um lugar onde a Guianidade é vivenciada e expressa em sua forma mais autêntica e vibrante.

No decorrer dos capítulos, o protagonista encontra uma variedade de personagens típicos, cada um representando diferentes facetas da identidade guianense. Estes personagens, com suas histórias únicas e perspectivas distintas, trazem à vida a rica diversidade cultural da Guiana Francesa. Eles são a personificação da Guianidade, com suas experiências e expressões que refletem a complexa mistura de influências indígenas, africanas, europeias, asiáticas e caribenhas que formam a identidade da região.

Através dos olhos de Atipa, o leitor é introduzido em um mundo onde as tradições e a vida cotidiana dos guianenses são confrontadas por influências externas e internas que ameaçam desestabilizar o equilíbrio social e cultural, como demonstra a passagem:

Ils choisissent un tas de noms que nous ne connaissons pas. Il y a par ici une rue Traversière qui ne traverse rien du tout. La vraie rue Traversière, celle qui traverse Cayenne en son milieu et qui passe devant l'église, ils lui ont donné un autre non. Nous avons la rue Bataillon, la rue du Sable Noir, deux rues que tout le monde connaît : les Blancs n'en veulent pas (PARÉPOU, 2016, p. 39).<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Quanto a mim, posso não saber muito, mas se eu quisesse falar francês, eu falaria melhor do que isso! Eu fui educado com os brancos [e] fui para a França [onde] eu ouvi falar francês. Como tu vês, Bosobio, nosso crioulo não tem regras como o francês; nós o falamos como achamos melhor. Mas com o francês a história é diferente: nem todos os cães e nem todos os gatos falam bem; mesmo entre os brancos, há alguns que esfolam o francês como este negro. (Azevedo Jochimsen; Silva Rodrigues, 2022; p. 103)

<sup>20</sup> Eles escolhem um monte de nomes que não conhecemos. Aqui por perto tem uma Rua Transversal que não atravessa nada mesmo. A verdadeira Rua Transversal, aquela que atravessa Cayenne no meio e passa na frente da igreja, eles deram outro nome. Nós temos a Rua Batalhão, a Rua da Areia Preta, duas ruas que todo mundo conhece: os brancos não querem. (Tradução nossa)

O personagem percebe as discrepâncias e as injustiças que permeiam sua sociedade, incluindo, mas não se limitando à discriminação racial. Sua jornada é também uma exploração das respostas da comunidade a essas forças disruptivas, mostrando como diferentes grupos sociais e indivíduos reagem ou se adaptam às pressões da colonização, da modernização e das políticas que favorecem os interesses de uma elite em detrimento da população em geral.

## 5.2 Discriminação racial

Na Guiana Francesa do século XIX, como em outros locais, a estrutura social estava saturada pela discriminação racial, uma realidade exacerbada pelas políticas coloniais e que se manifestavam em aspectos cotidianos da vida. A abolição da escravidão em 1848 não se traduziu imediatamente em igualdade e justiça para os descendentes de africanos, que enfrentavam uma segregação e marginalização persistentes. A sociedade era estratificada racialmente, afetando o acesso à educação, emprego e representação política, mantendo um ciclo de desigualdade que privilegiava os colonos brancos em detrimento da população indígena, negra ou mestiça.

A discriminação ia além do preconceito individual, estando entrelaçada na própria estrutura do colonialismo que visava preservar a dominação através da divisão. A cultura africana, apesar de sua riqueza, era frequentemente desvalorizada pela hegemonia colonial, que colocava a cultura europeia em um pedestal de superioridade. Esta dinâmica de desvalorização e de invisibilidade é explicitamente descrita por Atipa ao seu compadre Thimotée e nela há inúmeras críticas a respeito da indiferença dos colonizadores: *Ce n'est pas leur problème si les Nègres meurent de faim, si le pays périclite. Ils ne daignent même pas regarder les Nègres du coin de l'œil* (Parépou, 2016, p. 57).<sup>21</sup> Esta citação ilustra tanto a negligência, quanto a desumanização enfrentada pelos guianenses, que são ignorados mesmo diante do sofrimento e da degradação do país.

Contudo, a resistência cultural se manifestava (e ainda se manifesta, se comparado a hoje) através da língua, no caso da crioula, e de outras formas de expressão como da música, da dança e da religiosidade, que permitiam à comunidade afrodescendente (re)afirmar sua identidade, diante das adversidades impostas pelo colonialismo. Em meio a esse cenário de celebração da própria cultura e história, Atipa é convidado por seu amigo Arial para testemunhar uma dessas expressões culturais vivas: o *lérôle*, um tipo de dança regional, na qual um chefe guia um grupo de pessoas que desfilam e cantam nas ruas durante o carnaval. Arial descreve o evento com entusiasmo: *Je vais voir un spectacle de danse au Sable Noir, répondit Arial. C'est le roi d'un convoi qui donne un grand lérôle pour sa fête. Si n'as rien à faire, viens avec moi!* (Parépou, 2016, p. 87).<sup>22</sup> Este convite não é apenas uma oportunidade de entretenimento, mas um ato de participação em uma tradição<sup>23</sup> que desafia a marginalização, celebrando a resistência e a resiliência da comunidade afrodescendente por meio de sua arte e expressão cultural.

Atipa critica o colonialismo e celebra a rica diversidade cultural da Guiana Francesa, trazendo à luz as adversidades enfrentadas por sua população negra e mestiça. Parépou captura a essência dessa luta por reconhecimento e igualdade, tecendo uma narrativa que, apesar de focada na jornada do protagonista Atipa, reflete sobre as complexas dinâmicas sociais, econômicas e políticas da época. Nesse sentido, o herói guianense expressa um constante descontentamento com a arrogância dos colonizadores em uma passagem marcante:

<sup>21</sup> Não é problema deles se os negros morrem de fome, se o país está em declínio. Eles nem sequer se dignam a olhar para os negros de relance. (Tradução nossa)

<sup>22</sup> Vou ver um espetáculo de dança na Areia Preta, respondeu Arial. É o rei de um cortejo que está dando um grande *léról* para a sua festa. Se não tiver nada para fazer, venha comigo! (Tradução nossa)

<sup>23</sup> Para mais informações sobre ritmos e danças tradicionais guianenses consultar: <http://www.kaseko.fr/Index.html>

Qu'ils restent donc en France où il y a que des Blancs! Une fois qu'ils ont acheté une belle maison pour y habiter, c'est fini, ils se moquent bien alors de ce que les pauvres diables vivent dans des cases en paille (PARÉPOU, 2016, p. 57)<sup>24</sup>

Este comentário ressalta o abismo social e a indiferença dos colonizadores brancos em relação às dificuldades enfrentadas pela população local, reforçando a crítica ao colonialismo e à discriminação racial inerentes à sociedade guianense do século XIX.

### 5.3 As eleições e a falta de representatividade

No século XIX, a Guiana Francesa, como colônia da França, não possuía um sistema político autônomo que permitisse eleições livres ou democráticas no sentido moderno. O voto direto, como princípio de representação política, era limitado e, quando existente, estava restrito a uma parcela muito pequena da população, geralmente a elite colonial e os cidadãos franceses residentes na colônia.

A maior parte da população guianense, especialmente os recém-libertados da escravidão, os trabalhadores contratados (indianos e chineses, por exemplo, trazidos para suprir a mão de obra após a abolição da escravidão) e os grupos indígenas, estavam excluídos do processo político. Essas comunidades não tinham direito ao voto ou à representação política significativa nas decisões administrativas que afetavam diretamente suas vidas.

As “eleições” aconteciam sob o controle da administração colonial e tinham como objetivo legitimar este mesmo poder, sem oferecer uma verdadeira participação política ou voz às populações locais. A autoridade colonial era exercida por um governador nomeado pela França, e qualquer forma de representação local era fortemente regulada e limitada pelas políticas da metrópole.

A questão política é tema que inquieta nosso personagem. Atipa descobre que seu amigo Nez-en-moin, homem negro, analfabeto que desenvolve uma função equivalente ao cabo eleitoral no Brasil, está mais uma vez a serviço de um colono. Os políticos escolhidos nas eleições não parecem satisfazer as necessidades da população local, eles atendem a interesses próprios, fato este que revolta Atipa. Em uma discussão com Nez-en-moin, Atipa tenta advertir seu compatriota:

Au lieu de progresser, nous régressons ! Les gens que vous faites élire au Conseil n'y entrent pas pour nous; ils recherchent les honneurs. Beaucoup y entrent pour défendre leur propre intérêts. Ce qui se cache au cœur de l'igname, seul le couteau peut le dire! Vous ne savez pas ce qu'ils pensent réellement ; on voit les dents mais pas le cœur. Ceux qui nous aiment [vraiment] sont rare (PARÉPOU, 2016, p. 79).<sup>25</sup>

Este diálogo entre Atipa e Nez-en-moin ilustra a percepção de manipulação política e a busca por interesses pessoais por parte dos eleitos. A inclusão de comunidades marginalizadas no processo político era limitada, refletindo as barreiras impostas não só no acesso ao voto, mas também nas oportunidades educacionais.

Atipa destaca essa exclusão ao observar que “*En leur qualité de candidats des Nègres, ils ne souhaitent pas que le collège devienne plus important, car ils savent que seuls les Blancs peuvent envoyer leurs enfants*”

<sup>24</sup> Que fiquem então na França, onde só tem brancos! Uma vez que compraram uma bela casa para morar, acabou, eles não se importam mais com o fato de os pobres diabos viverem em cabanas de palha. (Tradução nossa)

<sup>25</sup> Ao invés de progredir, regredimos! As pessoas que vocês elegem para o Conselho não entram lá por nós; eles buscam honrarias. Muitos entram para defender seus próprios interesses. O que se esconde no coração da mandioca, só a faca pode revelar! Vocês não sabem o que eles realmente pensam; vemos os dentes, mas não o coração. Aqueles que nos amam [realmente] são raros. (Tradução nossa)

*en France*” (Paréou, 2016, p.41).<sup>26</sup> Esta citação ressalta a interligação entre a falta de representatividade política e as limitações no acesso à educação de qualidade, demonstrando como as estruturas coloniais perpetuavam a exclusão e a marginalização dos guianenses. Através dessa análise, Paréou critica a estrutura social e política que mantinha a população em desvantagem, destacando a necessidade de mudança e reconhecimento dos direitos e vozes de todas as comunidades.

Essa realidade encontra eco nas palavras de Fanon (2008) que apresenta o conceito de alienação, um processo pelo qual indivíduos ou comunidades são despojados de sua identidade, agência ou capacidade de participação ativa em sua própria vida e cultura, como se pode ler na citação:

[...]a alienação intelectual é uma criação da sociedade burguesa. E chamo de sociedade burguesa todas as que se esclerosam em formas determinadas, proibindo qualquer evolução, qualquer marcha adiante, qualquer progresso, qualquer descoberta (FANON, 2008, p. 186).

Esta observação de Fanon reforça a crítica de Paréou, evidenciando como as estruturas de poder estagnadas perpetuam desigualdades e impedem o desenvolvimento intelectual e cultural dos oprimidos. As reflexões críticas abordam a realidade desoladora das eleições e a representatividade política na Guiana Francesa, destacando o abismo entre as promessas eleitorais e a realidade vivida pela população local. Os diálogos que se seguem entre Atipa e Nez-en-moin ilustram, ainda pela ótica fanoniana, o conceito de resistência ontológica, ou seja, uma forma de resistência fundamental e inerente à própria existência do negro em um mundo marcado pelo colonialismo e pelo racismo. Fanon argumenta que os negros enfrentam uma negação de sua própria humanidade e identidade por parte da sociedade branca dominante, pois “aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica” (FANON, 2008, p. 104), eles o veem como inferiores e sem valor. Essa negação se manifesta na narrativa na forma de marginalização e de exclusão tanto do processo político quanto educacional.

#### 5.4. Exploração econômica e laboral

A exploração econômica e laboral na Guiana Francesa do século XIX, especialmente nos garimpos e nas plantações, constitui um dos mais sombrios capítulos da história colonial, evidenciando a insaciável ganância dos colonizadores e as brutais condições a que foram submetidos os trabalhadores guianenses. Uma reflexão de Atipa sobre as mudanças nas relações laborais na Guiana Francesa apresenta uma transição do trabalho, conjunto entre brancos e negros, para a exploração unilateral dos trabalhadores afrodescendentes nos campos. Este aspecto da transformação social e econômica é, eloquentemente, resumido na observação que “*Les Blancs sont arrivés ici avant nous. Au début, ils travaillaient aux champs, côté à côté avec les Nègres. Les temps ont changé et nous sommes restés seuls [à travailler] aux champs*” (Paréou, 2016, p. 51).<sup>27</sup>

Esta citação reflete a transformação nas relações de trabalho, marcando a substituição da mão de obra branca pela exploração exclusiva dos trabalhadores negros e mestiços nos campos. Enquanto os colonizadores buscavam maximizar seus lucros através da extração de recursos e da agricultura intensiva, os trabalhadores locais e imigrantes enfrentavam jornadas exaustivas, remuneração ínfima e um ambiente de trabalho marcado por riscos e violência. Esta realidade

<sup>26</sup> Na qualidade de candidatos dos Negros, eles não desejam que a escola se torne mais importante, pois sabem que apenas os Brancos podem enviar seus filhos para a França. (Tradução nossa)

<sup>27</sup> Os brancos chegaram aqui antes de nós. No início, eles trabalhavam nos campos, lado a lado com os negros. Os tempos mudaram e nós ficamos sozinhos [a trabalhar] nos campos. (Tradução nossa)

reflete tanto a desigualdade econômica e a exploração sistêmica enraizada no sistema colonial, como também destaca a resistência e a luta dos guianenses contra um regime, que buscava reduzi-los a meros instrumentos de produção. Segundo a afirmação de Fanon, o guianense “é como vítima de um regime baseado na exploração de uma raça por outra, no desprezo de uma parte da humanidade por uma civilização tida por superior” (2008, p. 185). As marcas deixadas por essa exploração não se limitam ao passado, ecoam até os dias atuais e desafiam a Guiana Francesa a reconhecer e a superar esse legado de injustiça e desumanidade.

No coração da Guiana Francesa do século XIX, a corrida pelo ouro não apenas desencadeou uma onda de aventura e cobiça, mas também trouxe à tona as profundas cicatrizes do colonialismo e a exploração implacável daqueles arrastados para o trabalho nos garimpos. A busca por riquezas na região amazônica era não somente uma questão de extrair minerais preciosos da terra; era também um reflexo das dinâmicas de poder, discriminação e luta pela sobrevivência em um sistema que favorecia os interesses dos colonizadores europeus em detrimento dos locais e dos trabalhadores migrantes. A narrativa de Paré pou ilustra tanto a vida cotidiana na Guiana Francesa, como também imerge nas tensões e conflitos que permeiam as relações entre os colonizadores e os colonizados, como se lê no trecho a seguir:

- C'est ce qui me tue chez toi, reprit Sorossi en colère ; tu veux toujours donner raison aux Blancs ! Est-ce que tu es leur associé ? Tu ne vois même pas combien le travail de l'or est dur, combien nous sommes exploités. Si Paoline avait trouvé de l'or sur l'Arataye avant la fin de l'esclavage, eh bien ! les Blancs nous auraient tous tués aux plâchers à faire de la prospection (PARÉPOU, 2016, p. 107).<sup>28</sup>

Este diálogo entre Sorossi e Atipa revela a amarga realidade enfrentada pelos trabalhadores do garimpo, muitos dos quais eram ex-escravizados ou descendentes de escravizados, agora sujeitos a uma nova forma de servidão sob o pretexto da busca pelo ouro. Sorossi expressa uma profunda frustração com a cegueira voluntária daqueles que ainda justificavam ou ignoravam a exploração perpetrada pelos “brancos”, os colonizadores. A menção à possível descoberta de ouro em Arataye, antes do fim da escravidão, e as consequências mortais que isso acarretaria para os trabalhadores locais destacam a disposição brutal dos colonizadores em sacrificar vidas humanas em nome do lucro e do progresso.

Além das críticas incisivas e das reflexões sobre as consequências do colonialismo, *Atipa* nos convida a explorar o enigmático e vasto universo amazônico da Guiana. Este livro vai além da mera denúncia social, mergulhando o leitor em uma experiência em que o místico, a natureza exuberante e os aspectos do cotidiano se fundem de forma única, em uma perspectiva crítica do exotismo social. Alfred Paré pou habilmente entrelaça a realidade com elementos fantásticos. O leitor é apresentado a personagens que são marcas do folclore guianense: *Maskilili*, *Maman Dileu* ou o *Bouqui*<sup>29</sup>, entre outros. Eles revelam a essência da Guiana Francesa, onde mito e realidade coexistem, refletindo a complexidade de uma sociedade rica em cultura e profundamente conectada ao seu ambiente natural.

*Atipa* destaca-se pela forma como satiriza personalidades e políticos reais, utilizando o humor para criticar as estruturas de poder e a corrupção, enfatizando ainda mais a complexidade das dinâmicas sociais e políticas. Através de suas características distintas, a obra demonstra uma

---

<sup>28</sup> É isso que me irrita em você, retomou Sorossi, com raiva; você sempre quer dar razão aos brancos! Você é parceiro deles? Você nem vê o quanto o trabalho com o ouro é duro, quanto somos explorados. Se Paoline tivesse encontrado ouro no Arataye antes do fim da escravidão, bem, os brancos teriam nos matado nos garimpos para fazer prospecção. (Tradução nossa)

<sup>29</sup> Estes personagens folclóricos guianenses têm seus equivalentes no Brasil. O *Maskilili* seria equiparado ao curupira, a *Maman Dileu* ou *Dlo* seria uma espécie de sereia dos rios como a Iara e o *Bouqui* é um personagem que aparece nos contos da Guiana.

profunda identificação com os povos latino-americanos, partilhando lutas, resistências e uma rica diversidade cultural que ressoa em todo o continente. *Atipa* não é apenas um documento histórico valioso, mas também um tributo à diversidade linguística, cultural, à resiliência e à singular beleza da Guiana Francesa, consolidando-se como uma expressão literária da identidade e da humanidade desta intrigante região e de seus vínculos com a América Latina.

### Considerações finais

Este breve estudo sobre *Atipa: Roman Guyanais* de Alfred Parépou oferece uma análise da Guiana Francesa do século XIX, enfatizando as dinâmicas sociopolíticas e a resistência cultural sob o colonialismo francês, ao mesmo tempo em que celebra a rica cultura e natureza desta região amazônica. O uso do crioulo guianense por Parépou desafia a hegemonia linguística e cultural, muito embora celebre a identidade e a diversidade da Guiana Francesa, vinculando-se às lutas dos povos latino-americanos pela autodeterminação e contra a opressão.

A obra vai além das críticas sociais, ao abordar representações culturais, mitos e uma descrição detalhada da natureza, que são fundamentais para compreender a identidade guianense e sua resistência ao colonialismo. A satirização de personalidades locais e políticos reais traz uma crítica social penetrante, enquanto a incorporação de elementos místicos e a descrição da flora e da fauna evidenciam a profunda conexão dos guianenses com seu ambiente.

O livro se sobressai também pela sua singularidade, proporcionando *insights* profundos sobre a vida, a cultura e a luta na Guiana Francesa, de uma maneira que se distingue das demais obras do período colonial. O emprego do crioulo guianense por Parépou é um diferencial narrativo; é uma celebração, de forma original, da identidade cultural local, delineando a obra como um marco nos estudos pós-coloniais. Esta escolha linguística enriquece o diálogo sobre resistência cultural e construção de identidades em contextos afetados pelo colonialismo, elevando *Atipa: Roman Guyanais* a uma posição de destaque no panorama literário e acadêmico canônico.

Adicionalmente, a escolha de Alfred Parépou pelo crioulo guianense não só autentica a narrativa, mas também representa uma contribuição significativa ao campo linguístico. Destaca a importância de preservar e valorizar línguas e dialetos em risco de marginalização ou esquecimento. Este aspecto linguístico sublinha a riqueza cultural da Guiana Francesa e incentiva a documentação e o estudo de idiomas crioulos, essenciais para a compreensão da identidade e da história cultural das comunidades. Concebe-se, então, a língua crioula como um instrumento também de poder para os personagens, o que pode auxiliar na descentralização de línguas “mais populares”, como o próprio francês, que, a depender do contexto, também é visto como língua minoritária ainda hoje.

A relevância da obra ultrapassa o contexto histórico e literário, conectando-se com questões atuais de justiça social, de preservação da biodiversidade e de valorização de culturas e de línguas indígenas e crioulas. A obra não somente documenta a luta histórica por autodeterminação dos povos, mas também inspira os desafios contemporâneos enfrentados por comunidades na busca por reconhecimento cultural e soberania. A jornada do personagem Atipa, navegando por diferentes ambientes e coletando histórias para serem transmitidas, reflete tanto a adaptação e a resiliência do povo guianense, quanto a importância de preservar e compartilhar sua rica herança cultural e linguística.

### Referências Bibliográficas

AZEVEDO JOCHIMSEN, Paola Karyne; SILVA RODRIGUES, Larissa Maria Ferreira da. *Atipa: Romance guianense. A desconhecida Guiana crioula de Alfred Parépou*. Cadernos de Literatura em Tradução,



[S. l.], n. 25, p. 90–109, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/206507>. Acesso em: 11 abr. 2024.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008:

FAUQUENOY, Marguerite. *Atipa revisité ou les itinéraires de Parépou*. Paris: Éditions l'Harmattan, 1989.

FAUQUENOY-SAINTE-JACQUES, Marguerite. *Cent Ans de l'histoire Du Créole Guyanais: Continuité Ou Divergence?* La Linguistique, vol. 22, no. 1, 1986, pp. 109–24. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/30248513> Acesso em: 21 fev. 2024.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

JOLIVET, Marie-José. *La question créole. Essai de sociologie sur la Guyane Française*. Paris : Éditions de l'office de la Recherche Scientifique et Technique Outre-Mer, 1982.

KASEKO. Disponível em: <http://www.kaseko.fr/Index.html>. Acesso em: 12 abr. 2024

LARIQUE, Marius. *Le Bagne*. In : *Détective* (tome 553 ; 1939), Musée Criminocorpus. Disponível em: <https://criminocorpus.org/fr/ref/113/1606/> Acesso em: 19 dez.2023

PAPY, Louis. *La Guyane française*. Premier article. In: Cahiers d'outre-mer. N° 31 - 8e année, Juillet-septembre 1955. pp. 209- 232. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/caoum.1955.1967> Acesso em: 10 jan. 2024

PARÉPOU, Alfred. *Atipa. Roman guyanais*. Paris : Editions l'Harmattan, 2016.

PENNYCOOK, Alastair. (Eds.). *Disinventing and reconstituting languages*. Clevedon: Multilingual Matters, p. 233-239, 2007.

ROWE, Charles G.; HORTH, Auguste. *Dolos: Creole Proverbs of French Guiana*. In: The Journal of American Folklore, vol. 64, no. 253, 1951, pp. 253–64. JSTOR. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/536151>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SILVA-REIS, Dennys. *Sobre a guianidade literária de expressão francesa: prelúdio temático*. *Communitas*, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 79-92, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/4984>. Acesso em: 21 fev. 2024

STEPHENSON, Élie, et al. *Trois Écrivains Guyanais Parlent Librement de La Littérature Guyanaise. Nouvelles Études Francophones*, vol. 23, no. 2, 2008, pp. 31–43. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25702148>. Acesso em: 20 jan. 2024.

TAGNIN, Stella Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

Submetido em 27/02/2024  
Aceito em 10/04/2024